

PROJETO “MURAL: UM INSTRUMENTO PEDAGÓGICO PARA SE PENSAR A MOBILIZAÇÃO SOCIAL DENTRO DA ESCOLA”

Stephanie Solrac¹; Marcelo Amaral Coelho²; Priscila Marcondes³ & Bruno Matos Vieira⁴

1. Bolsista PIBID Belas Artes, Discente do Curso de Licenciatura em Belas Artes, ICHS/UFRJ; 2. Bolsista PIBID Belas Artes, Discente do Curso de Licenciatura em Belas Artes, ICHS/UFRJ; 3. Discente do Curso de Licenciatura em Belas Artes, ICHS/UFRJ; 4. Coordenador do PIBID Belas Artes e docente do DTPE/IE/UFRJ.

Palavras-chave: Arte-educação; Mobilização Social; Mural; Pintura; Escola.

Introdução

Este trabalho integra o PIBID/Belas Artes da UFRJ/CAPES, edital 61/2013, em Seropédica (RJ). Considerando a importância do espaço educativo e sua influência sobre o meio, o projeto foi construído em torno da sala de aula e a mobilização social, pensando esta como instrumento para a construção da autonomia. A Escola Municipal Gilson Silva, contemplada com a realização da oficina, assim como muitas outras no município de Seropédica, encontra-se depredada – principalmente no interior das salas de aula. O público alvo foram os alunos do EJA/Fase IX. Diante desta realidade e conscientes do caminho a seguir foi preciso pensar que ações programar para alcançar o objetivo. Inicialmente, pensamos o seguinte: como estimular nestes alunos a mobilização social para a construção da cidadania? Foi então que estabelecemos alguns direcionamentos importantes a contribuir para o objetivo principal. Quais foram: Identificar os variados discursos sociais e visuais presentes nas obras de arte públicas; Apreciar obras e objetos artísticos da atualidade como forma de resistência e mobilização social; Exercitar o fazer artístico com as técnicas do *hip hop* e do *grafitti* como formas de interferência social e política; Desenvolver instalações e intervenções no ambiente escolar como forma de mobilização para questões do cotidiano discente e docente; Produzir um mural como forma de diálogo e conscientização quanto ao espaço físico da escola.

Metodologia

Como referencial teórico a embasar tais ações se recorreu a Freire (1996, p.?) e sua pedagogicidade do espaço: “*A eloquência do discurso 'pronunciado' na e pela limpeza do chão, na boniteza das salas, na higiene dos sanitários, nas flores que adornam.*” No sentido de significar aos alunos o conceito de mobilização social se apresentou a citação de Carrera (2012): “*A mobilização é uma forma de intervenção social (... que pode) modificar a ordem social através da mudança nos modos de pensar e/ou modos de atuar e/ou modos de sentir. (...) se é democrática, cria cidadania e autonomia.*” Para a identificação dos discursos sociais contidos na arte foi necessário refletir sobre o conceito de arte pública. Quanto ao assunto disse Silva (2004): “*O conceito de arte pública é bastante amplo, abrangendo (...) a revitalização de espaços degradados, (...) bem como a intervenção nos espaços públicos em diálogo com as comunidades.*”

No primeiro encontro foi feita a apresentação do projeto e uma sondagem quanto ao espaço físico (casa-escola-comunidade). Esta sondagem foi feita a partir da aplicação de um questionário, formulado a partir de questões fechadas que abrangiam conteúdos individuais e comunitários, contendo 14 questões com alternativas múltiplas. No encontro seguinte, o tema era: “A arte como discurso urbano: a voz do mural e o grito do grafite”. Aqui se pretendeu discutir o mural enquanto forma de arte aceita socialmente e o grafite tido como forma de subversão. Num terceiro momento, foi trabalhada a arte como mobilização social, onde se trabalhou uma análise visual das obras de Diego Rivera e Candido Portinari e se investigou os discursos sociais contidos nelas. Os seis encontros seguintes foram dedicados à criação – etapa em que se experimentaram vários suportes e composições – e também à produção final

do trabalho. Para estas atividades foram utilizados carvão, pastel, folhas A4, papel 40 Kg, pincel, tinta guache, projetor, notebook, papel Paraná, lápis HB e fita adesiva. No total foram necessários nove encontros para a realização do projeto. Durante este período, tendo como referencial os parâmetros nacionais para a educação, foram trabalhados conteúdos de natureza conceitual, atitudinal e procedimental. Os alunos tiveram acesso às informações históricas e conceituais sobre a arte e os artistas contemplados no projeto. Por meio das projeções de imagens se buscou estimular nos alunos a capacidade da leitura de imagens. No transcorrer das aulas que envolveram as etapas de criação foi possível proporcionar a eles a possibilidade de produzir suas próprias obras.

Resultados e Discussão

Quando da aplicação do questionário foi possível perceber a incômoda realidade do sistema educacional brasileiro: a evasão escolar. A turma contava com 17 alunos matriculados, entre 17 e 40 anos. Destes, cinco eram evadidos. No dia da aplicação do questionário apenas seis alunos estavam presentes. Quando perguntados sobre a motivação que impulsiona alguém a pichar o espaço físico e público foi possível constatar o seguinte: “a demarcação do território” – 02; “o reconhecimento frente ao grupo” – 01; “a insatisfação diante dos padrões sociais” – 02; “a necessidade de expressar sentimentos” – 03; e não opinou – 01.

Foi possível observar, numa das cadeiras da sala de aula, um desenho acompanhado da seguinte frase: “Liberdade de expressão”. Tomando esta intervenção e considerando que “a necessidade de expressar sentimentos” foi a alternativa mais sinalizada no questionário – sem esquecer o alto índice de evasão escolar – fica a pergunta: Há uma pedagogicidade no espaço escolar para a construção da autonomia e a estimulação da mobilização social?

Infelizmente, não foi possível a conclusão do projeto com a pintura mural. Foi solicitada à direção da escola a autorização para a realização da pintura. Esta, por sua vez, disse não poder fazê-lo por conta de estar subordinada a um conselho gestor municipal. A proposta, então, teria de ser enviada a este conselho. A resposta nunca chegou... Como alternativa foi realizada a obra final em forma de painel – técnica mista sobre papel Paraná.

Conclusão

A partir dos resultados obtidos foi possível perceber que uma forma de barrar a mobilização social é a burocracia. Esta, não apenas como parte de um contexto, mas inserida num sistema. A experiência em Seropédica refletiu uma realidade nacional: as vias de regulamentação social acabam por se constituir em obstáculos. A morosidade pode calar o indivíduo e, conseqüentemente, o grupo. É preciso reagir e buscar mecanismos socialmente aceitos para superar estes entraves. A troca do mural pelo painel funcionou como metáfora dessa superação. Outra conclusão, diz respeito ao discurso autônomo dos alunos. Um das resistências, por parte deles, era dispor sobre o papel imagens que os identificasse e tornassem o espaço em bem comum. Eles recorriam sempre as mesmas figuras, não como marca de identidade, mas como estereótipo de um discurso marcado e previsível. A liberdade de expressão esbarrava num discurso limitado que, por falta de repertório, culminava nas intervenções indevidas no espaço físico da escola.

Referências Bibliográficas

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BOTTICELLI, Guido. Breve storia della pittura murale. In: *Metodologia di restauro delle pitture murali*. Firenze: Edifir, 1992.
- CARRERA, Denise. Mobilização social. Disponível em: <http://www.jornalescolar.org.br/wp-content/uploads/2012/09/mobilizacao-social-denise-carrera.pdf>. Acesso em: 05 de maio de 2015.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Coleção Leitura. 25ª Ed.
- SILVA, Fernando Pedro da. Arte Pública: Diálogo da Pluralidade. XXIV Colóquio CBHA. Disponível em: http://www.cbha.art.br/coloquios/2004/textos/33A_fernando_pedro.pdf. Acesso em 05 de maio de 2015.